

Estéticas dissidentes e educação: potente e sensível

Dissident aesthetics and education: potent and sensitive

*Karina Feltes Alves**

*Júlia Duarte Schenkel***

Antonio Candido, ao proferir a conferência “O direito à literatura”, em 1988, afirma que o texto literário é imprescindível na vida do sujeito, ao passo que o ser humano necessita tanto da ficção e da fantasia quanto da alimentação e do sono. Para o estudioso, a literatura atende a essa necessidade universal do ser humano “sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão de mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza.” (CANDIDO, 2004, p. 186). Ao fazer essa afirmação, o estudioso refere-se à natureza artística do texto literário, característica que lhe é inerente e coloca a literatura ao lado de outras tantas formas de manifestação de arte. Afinal, é a natureza estética do texto literário que o faz ser tão potente e plural, capaz de desenvolver e reconfigurar a sensibilidade humana.

* Possui graduação em Letras Português e Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS (2006). Especialista em Ensino e Aprendizagem da Língua Estrangeira: Inglês, pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (2010). Mestre em Educação, pela Universidade de Caxias do Sul - UCS (2016). Tem experiência na área de docência em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Literatura Brasileira. Trabalhou na rede municipal de ensino de Caxias do Sul - RS, como professora de Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atua no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, campus Feliz, como docente na área de Línguas e Literatura. Atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação pela UCS e bolsista CAPES. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5496-2158>. E-mail: kfalves@ucs.br

** Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação, Curso de Mestrado (PPGEdu/UCS), da Universidade de Caxias do Sul (PPGLET-UCS), na linha de pesquisa Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Bolsista PROSUC/CAPIES. Pós-graduada em Literatura Infantil e Juvenil: da composição à educação literária, pela Universidade de Caxias do Sul (UCS), possui licenciatura plena em Letras (UCS - 2019) e em Pedagogia (UCS - 2022). Ao longo da graduação, atuou como bolsista de iniciação científica (PROBIC-FAPERG). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1646-1365>. E-mail: jdschenkel@ucs.br

A obra *Estéticas dissidentes e educação*¹, organizada por Mário de Faria Carvalho, Daniela Nery Brancchi e André Luiz dos Santos Paiva é oportunidade para o leitor perceber o quanto a arte – potente, arbitrária e enigmática - está presente nos mais diferentes espaços sociais, formais e não formais, e nos mais variados grupos heterogêneos, sendo objeto potente para desenvolver, ampliar e reconfigurar sensibilidades, a exemplo do que Candido destaca em sua conferência, com relação à arte literária.

Publicada em 2022, em formato digital, pela editora Pimenta Cultural, o título reúne uma série de textos, elaborados por docentes e pesquisadores de todo o país, que evidenciam como a experiência estética, a partir de diferentes manifestações de arte, e de diferentes espaços e contextos é caminho para a formação das sensibilidades, reiterando o que Schiller (2017) afirma ao tratar da experiência estética pelo sujeito:

[...] é com a experiência estética que se inicia a formação das sensibilidades [...] não apenas porque ela vem a ser um meio de tornar conhecimento melhorado, eficaz para a vida, mas porque desperta para a própria melhora do conhecimento (SCHILLER, 2017, p. 46).

Com análises e reflexões sobre um *corpus* bastante diverso, o e-book promove o fortalecimento do debate acerca das experiências de subalternidades em seus encontros com a educação e as artes, ao apresentar um conjunto de estudos que, se em um primeiro momento pode parecer aleatório pela diversidade de textos, dialoga diretamente com as categorias da diferença, raça, etnia e gênero e relaciona diferentes linguagens artísticas, como arquitetura, audiovisual, fotografia, literatura, teatro, arte urbana, dança e performance. Composto por dezoito capítulos, organizados em 3 seções [seção 1 - *Contextos formais de educação e diferença*, constituída por cinco (5) capítulos; seção 2 - *Contextos sociais de aprendizagem e experiências subalternas*, a qual conta com sete (7) capítulos; e seção 3 - *Reconfigurações do sensível e educação estética*, composta por seis (6) capítulos], *Estéticas dissidentes e educação* tem como fio condutor questões relacionadas ao diálogo entre educação, arte e sensibilidades estéticas múltiplas, vislumbrando a abertura e a reconfiguração das sensibilidades do sujeito.

A visualidade da obra já promove ao leitor uma experiência estética, os olhares presentes na capa e no decorrer das 384 páginas – potentes, enigmáticas - mexem com o leitor. Provocam, inquietam o leitor. É como se estivessem ali observando a

sua reação sensível perante o que é desvelado no decorrer das páginas. Ou, como faz suscitar a obra “Desatando nós: quais linhas prendem o seu corpo?”, da artista Juliana Allain, mencionado no texto “Sobre arte, encontros e desassossegos: experiência estética e corpos em relação” (ZANELLA; STRAPPAZZON, 2022), fazem querer entender e amarrar as linhas, que não são apenas linhas, mas nós, imbuídos por seu sentido mais paradoxal: alguns que libertam, como o primeiro nó que nos faz nascer e nos tornar *uno*, e outros que nos conectam com outras pessoas, que nos protegem ou nos imobilizam. Paulo Emílio Macedo Pinto, no último texto da obra a qual se faz referência, em meio às 384 páginas de intensa experiência estética, pontua a sua crença de que “todo trabalho de criação tem em sua base o esboço de uma imagem disparadora, que ilumina o caminho” (PINTO, 2022, p.364). De fato, a imagem disparadora que ocupa a capa deste e-book tem potencialidade de abrir os caminhos e iluminar a leitura, acompanhando cada linha com olhares e sensações.

A primeira seção da obra é marcada por uma reflexão acerca da educação estética e da diferença em contextos formais de educação, como escolas e universidades. Há um olhar atento para a potência da arte no espaço de mediação, trazendo interlocuções entre o mediador, o interlocutor e o objeto artístico, além de notabilizar o quão importante é a presença de diferentes manifestações artísticas, para a formação docente e para o desenvolvimento das humanidades. Nesta seção, destaca-se o texto “A leitura do literário como experiência artística e estética”, das autoras Adair de Aguiar Neitzel e Flávia Brocchetto Ramos, quando reafirmam a literatura como arte, produto humano, e a leitura do literário como uma experiência artística (NEITZEL; RAMOS, 2022, p.25), e enfatizam a importância do jogo que deve ser assumido no processo de leitura, a partir de Barthes, de maneira a possibilitar o desenvolvimento das sensibilidades e, assim, a humanização do sujeito:

Esse movimento de autonomia intelectual diante da obra exige não apenas a compreensão da perspectiva do autor [*Barthes*], mas a criação de um ponto de vista próprio, o que demanda deslocamentos sobre a língua e sobre a obra. Ao rebelar-se, o leitor joga com a obra e, nesse movimento, a razão e a sensibilidade são acionadas, o impulso lúdico é desenvolvido e o leitor faz uma experiência. (NEITZEL; RAMOS, 2022, p. 28)

Nesta mesma seção, o texto “Por uma pedagogia ancestral: saberes antigos (in) corporados às Artes da Cena”, de Robson Carlos Haderchpek, encerra a primeira seção e anuncia a temática da próxima, afirmando que “pensar uma pedagogia ancestral é também pensar nos modos de vida, nos modos de ser, de fazer e de criar

que foram silenciados no processo de colonização” (HADERCHPEK, 2022, p. 95). Isto provoca ao leitor uma reflexão, que é muito urgente, acerca da importância de validar e fomentar movimentos insurgentes no sentido de romper a dominação eurocêntrica e promover o processo de descolonização nos países latinoamericanos.

A segunda seção, por sua vez, traz experiências em contextos sociais de aprendizagens e experiências subalternas, valorizando a heterogeneidade étnico-cultural do nosso país, fortalecendo memórias e identidades, e, com elas, nosso patrimônio cultural. Exemplo disso é o texto “As estéticas dos patrimônios culturais de quilombo e seus usos na educação”, de Marlene Pereira dos Santos. Em seu estudo, a autora enfatiza que “a estética traduz a organização da cultura e o que encanta nela” (SANTOS, 2022, p. 229), sendo que, dessa forma, é a representação daquilo que tem utilidade na vida cotidiana. A partir desse entendimento, ela evidencia o patrimônio cultural quilombola e oferece um material riquíssimo a respeito da produção de identidades das comunidades quilombolas, os quais podem ser utilizados pelos sistemas de ensino de cultura e arte afrodescendente.

Seguindo a leitura da obra, e percebendo a força do fio condutor que une as três partes da mesma - estéticas dissidentes - envereda-se, por fim, na terceira e última seção do *e-book*. Nela são discutidas as reconfigurações do sensível, sendo abarcados trabalhos que evidenciam como a arte é representativa da produção de identidades, reforçando a sua influência na validação das dissidências, além de ser caminho para abertura, constituição e reconfiguração de sensibilidades do sujeito. Nesta seção, destaca-se o texto, já mencionado anteriormente, “Das aprendizagens com fotografias familiares: talvez uma auto/etno/foto/bio/grafia afetiva performativa”, escrito por Paulo Emílio Macedo Pinto. O autor apresenta uma análise poética do objeto-arte *fotografia* para evidenciar como o corpo e a história do homem estão implicados nos corpos e histórias de seus antepassados. No texto, que encerra a seção, são apontados caminhos de sensibilidades capazes de ressignificar as subjetividades, transformando o sujeito, a exemplo do que Schiller (2017) afirma acerca da experiência estética e de sua capacidade formadora de sensibilidades e transformadora de conhecimentos.

Importante enfatizar que, sob o prisma dos sujeitos dissidentes, a obra discute questões de memória, territorialidade e identidades, uma vez que traz contribuições sobre como, por exemplo, o saber ancestral é representativo para a afirmação de identidade, por ser reduto de cura e de redenção. Nesse aspecto, a obra conquistou o seu tom mais meritório, já que acena para a importância de se validar uma

pedagogia ancestral, e com ela trazer à luz os saberes insurgentes, uma vez que é partir desses movimentos que se torna possível pensar e refletir sobre modos de vida, de ser, de fazer e de criar *outros possíveis*, os que foram (e continuam sendo) silenciados no processo de colonização.

Simultaneamente, a seção final – e o próprio volume, como um todo – assume seu compromisso em visibilizar uma maior amplitude de vozes com origens em sujeitos considerados como dissidentes na sociedade, o que é de extrema relevância em tempos em que a intolerância e o antagonismo assumem protagonismo desenfreado.

Nunca anteriormente a humanidade havia conseguido oferecer tantos conhecimentos a um tão grande número de seus membros; entretanto, nunca anteriormente, também, tantas pessoas haviam sido mortas, intencionalmente, por seus pares (UNESCO, 2003, p. 15).

Este grande paradoxo da modernidade foi notabilizado na 46ª Conferência Internacional da Educação (CIE) da UNESCO, em Genebra, na Suíça, e serve de alerta a aponta, mais uma vez, para a importância da educação para as sensibilidades em todos os contextos sociais, sejam eles formais ou não.

Nesse sentido, a obra *Estéticas dissidentes e educação* é um convite ao leitor perceber - e pela própria experiência ao transitar pelos textos que a constituem - o quanto a arte é capaz de despertar para a produção de subjetividades, ampliar e reconfigurar sensibilidades, indo ao encontro do propósito maior da arte literária, conferida por Candido, o de humanizar o sujeito. Isto implica, também, em reconhecer a heterogeneidade da sociedade, dar visibilidade a diferentes vozes e saberes, e, com isso, fomentar discussões que validem as diversidades, étnica, social, cultural, de gênero e de todas as identidades em nossa sociedade.

Notas

¹ O e-book *Estéticas dissidentes e educação*, organizado por Mário de Faria Carvalho, Daniela Nery Brancchi, André Luiz dos Santos Paiva está disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes> Acesso em 15/04/2023.

² O nome *Barthes* foi inserido pelas autoras desta resenha na citação em questão e, no texto de Ramos e Nietzel, as estudiosas referem-se à aula inaugural que Barthes proferiu, conforme referência a seguir: BARTHES, Roland. Aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução e posfácio Leyla Perrone-Moisés. São Paulo. 2007.

Referências

- CANDIDO, Antônio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 5. ed. São Paulo. Duas Cidades, 2004.
- CARVALHO, M. de Faria, BRACCHI, D. N., PAIVA, A. L. dos Santos. (Org.) *Estéticas dissidentes e educação*. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.
- HADERCHPEK, Robson Carlos (2022). Por uma pedagogia ancestral: saberes antigos (in) corporados às Artes da Cena. *Estéticas dissidentes e educação*, São Paulo: Pimenta Cultural. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.
- PINTO, Paulo Emílio Macedo (2022). Das aprendizagens com fotografias familiares: talvez uma auto/etno/foto/bio/grafia afetiva performativa. *Estéticas dissidentes e educação*, São Paulo: Pimenta Cultural. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.
- RAMOS, Flávia Brocchetto; NEITZEL, Adair de Aguiar (2022). A leitura do literário como experiência artística e estética. *Estéticas dissidentes e educação*, São Paulo: Pimenta Cultural. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.
- SANTOS, Marlene Pereira dos (2022). As estéticas dos patrimônios culturais de quilombo e seus usos na educação. *Estéticas dissidentes e educação*, São Paulo: Pimenta Cultural. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem*. Tradução e notas Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 2017.
- UNESCO. *Aprender a viver juntos: nós falhamos?* Tradução: Rosa dos Anjos Oliveira Moreira Salgado. Brasília: UNESCO, IBE, 2003.
- ZANELLA, Andréia Vieira; STRAPPAZZON, André Luís (2022). Sobre arte, encontros e desassossegos: experiência estética e corpos em relação. *Estéticas dissidentes e educação*, São Paulo: Pimenta Cultural. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/esteticas-dissidentes>. Acesso em: 15/04/2023.